



CLNCP8- 08:56/09:04

### **INCIDÊNCIA DE ABCESSOS PERIAMIGDALINOS NA ERA PANDÉMICA**

Joana Barreto<sup>1</sup>, Pedro Marques Gomes<sup>1</sup>, Delfim Duarte<sup>1</sup>, Roberto Nakamura<sup>1</sup>

(<sup>1</sup>Hospital Pedro Hispano)

**Introdução:** A pandemia de COVID-19 levou à instituição de medidas de higiene, distanciamento e uso de máscara com o objectivo de reduzir o contágio da infeção. No período após o início da pandemia existe a impressão clínica de redução da incidência das infeções das vias aéreas de uma maneira global, incluindo gripe, rinossinusites, otites médias agudas, faringites e amigdalites. Contudo, a incidência destas doenças não se pode avaliar pela afluência ao serviço de urgência (SU), uma vez que esta também foi reduzida devido à pandemia. Por outro lado, assume-se que um abscesso periamigdalino terá necessariamente que ser observado por otorrinolaringologia, e desse modo os casos diagnosticados em SU corresponderão a uma incidência real da doença.

**Objetivos:** Comparar a incidência de abscessos periamigdalinos observados no Hospital Pedro Hispano (HPH) após o início da pandemia em Portugal com o igual período do ano anterior.

**Material e Métodos:** Foi realizado um estudo retrospectivo dos casos de abscesso periamigdalino no HPH antes e depois do início das medidas de confinamento. Definiu-se a data de decreto do primeiro estado de emergência, 18 março de 2020, como início das medidas de confinamento. Foram também analisadas as seguintes variáveis: idade, sexo, lateralidade do abscesso, estação do ano, a instituição de antibiótico prévio ao diagnóstico de abscesso e a história pessoal de abscesso periamigdalino.

**Resultados:** Entre 18 de março e 31 de dezembro de 2020 foram tratados 15 episódios de abscesso periamigdalino, uma redução de 50% face ao igual período do ano anterior, com 30 casos de abscesso periamigdalino diagnosticados e tratados no HPH.

**Conclusões:** A incidência de abscessos periamigdalinos observados no SU do HPH reduziu após início da pandemia. Os autores colocam a hipótese de que as medidas instituídas para limitar a propagação do vírus SARS-COV2 foram também eficazes na limitação de outras infeções respiratórias, neste caso na incidência de amigdalites agudas e consequentes abscessos periamigdalinos.